

Representações na Mídia Impressa Sobre as Olimpíadas de 2016

Representations in the Press on the Olympic Games in 2016

Carlos Alberto de Oliveira Magalhães Júnior^{a*}; Elisângela Domingues Michelatto Natt^a; Dirlene Sponchiado^a;
Eduardo Augusto Tomanik^a;

^aUniversidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

*E-mail: juniormagalhaes@hotmail.com

Resumo

A mobilização das Representações Sociais acontece em todos os lugares e momentos nos quais as pessoas se comunicam e se encontram. Nesse sentido, as matérias publicadas pela mídia impressa podem ser uma maneira de familiarizar a população com determinado assunto. Ao tratar do tema sobre a realização dos jogos olímpicos em 2016, a imprensa está tornando algo que até então não era familiar em algo familiar para a população brasileira. Com intuito de compreender como tem sido tratado o assunto acerca da realização das olimpíadas no Brasil, foram investigadas 39 edições da Revista Veja. Em seguida, realizou-se a análise das matérias contidas em 12 edições que traziam o assunto. A partir da definição das categorias constatou-se que há recorrência dos caminhos percorridos para o tratamento e exposição dos aspectos relacionados ao evento.

Palavras-Chave: Representações Sociais. Mídia Impressa. Jogos Olímpicos.

Abstract

The mobilization of Social Representations happens everywhere and every time in which people communicate and meet. Accordingly, articles published by the press may be a way to familiarize the population with something in particular. When it comes to the Olympic Games in 2016, we can say that the press has familiarized Brazilian population with something that had been unfamiliar so far. In order to comprehend how the realization of the Olympic Games in Brazil has been treated, 39 issues of Veja Magazine were analyzed. The analysis of articles belonging to 12 issues which mentioned the subject was performed afterwards. Departing from the definition of categories, it was possible to verify that there is a recurrence of the approaches to treat and expose aspects concerning the event.

Keywords: Social Representations. Press. Olympic Games.

1 Introdução

No mês de outubro de 2009 a cidade do Rio de Janeiro (Brasil) foi eleita como sede das olimpíadas a serem realizadas em 2016. Entre as finalistas que disputavam sediar as olimpíadas, estava, além do Rio, Chicago (Estados Unidos), Tóquio (Japão) e Madri (Espanha). É importante destacar que é a primeira vez que o Brasil, bem como a América Latina, irá sediar os jogos olímpicos e, portanto, é a primeira vez que a população irá presenciar um evento desse porte.

A candidatura de uma cidade para ser sede das olimpíadas deveria ser a princípio, a representação da vontade do povo de ver seu país receber o maior evento esportivo do planeta. Para Ambrósio (2002), um modelo adequado para a candidatura de uma cidade para sediar os jogos olímpicos começa com a decisão da população, representada, a seguir, pelos poderes Executivos e Legislativos. No entanto, Pires (2002, p.47) comenta que os jogos olímpicos não são promovidos “de acordo com os interesses das atuais e futuras gerações”.

Um fato ocorrido nessa eleição para 2016 e que demonstra o desinteresse da população em relação aos jogos olímpicos, foi o protesto realizado pelos munícipes de Chicago contra a possível realização do megaevento em sua cidade, mostrando

que a proposta de sediar os jogos não partiu de sua população, e sim de seus governantes (O GLOBO, 2009; ESPBR, 2009).

De acordo com Ambrósio (2002), um empreendimento desta proporção ultrapassa os limites da cidade sedidora e passa a ser responsabilidade de todo o país. No entanto, acreditamos que tal responsabilidade não foi dividida com a população e que a sociedade ainda não possui representação social sobre o que seja sediar este evento.

Segundo Abric (2000, p.27), a representação é “uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito”. Para o autor, ela funciona como a interpretação da realidade, conduzindo o comportamento e prática do indivíduo na relação com o meio físico e social.

O compartilhamento de representações entre diferentes indivíduos e grupos sociais, com relação a um mesmo objeto, pode ser considerado como Representações Sociais. Para Jodelet (2002, p.22) “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Sá (1993) relata que a mobilização das Representações Sociais acontece em todos os lugares e momentos nos quais as pessoas se comunicam e se encontram. Alexandre (2001)

e Correa *et al.* (2007) complementam que os meios de comunicação contribuem para o compartilhamento e geração de representações sociais.

Para Gomes, Oliveira e Marques (2004, p.81) “a representação social tem por objetivo transformar em familiar o não-familiar”. Moscovici (1978) discorre que as representações sociais podem ser compreendidas como um corpo organizado de conhecimentos, no qual as pessoas interagem de forma a tornar inteligível a realidade física e social.

As matérias publicadas pela mídia impressa podem ser uma maneira de familiarizar a população sobre determinado assunto. Essa característica faz da comunicação impressa, um potencial gerador de representações sociais. Conforme Moscovici (1978), os meios de comunicação orientam e estimulam os comportamentos e atitudes das pessoas, levando a criação de diversas representações.

Considerando as informações sobre a constituição das representações sociais e, ainda, que aparentemente a população do país não apresenta representação social sobre a olimpíada de 2016 a ser realizada no Brasil, buscamos traçar o percurso realizado por duas revistas conhecidas em território nacional, bem como as possíveis representações que poderão ser disseminadas por essas revistas.

Diante da constatação que candidaturas como a de Chicago não partiram das representações e da vontade de seu povo, a proposta deste trabalho foi investigar como a mídia impressa tem tentado produzir uma representação de olimpíada. Pontuamos os principais aspectos abordados pelas revistas, no intuito de relacionar de que forma a população poderá construir os parâmetros de ancoragem para o desenvolvimento da representação sobre jogos olímpicos.

2 Material e Métodos

A realização desse artigo teve como ponto de partida a disciplina Representações Sociais: fenômeno e teoria, realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá, no segundo semestre de 2009.

O trabalho foi conduzido sob a perspectiva da pesquisa qualitativa que, segundo Martins e Bicudo (1989, p.23), caracteriza-se por ir em busca da compreensão dos casos particulares que investiga sem a intenção de produzir generalizações, que são as informações apreendidas e estendidas a outras realidades. “[...] sua atenção é centralizada no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”.

Os procedimentos envolvidos para a execução desta pesquisa incluíram a releitura da Teoria das Representações Sociais e a seleção do material a partir das revistas Veja e Isto É, sobre o processo que envolve as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016.

O período de coleta das informações ficou restrito de treze de setembro a dois de outubro de 2009, ou seja, a um mês

antes e um mês depois da candidatura e da escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede desta Olimpíadas. Foram investigadas trinta e nove edições das revistas mencionadas anteriormente. Para complementar as informações relevantes à investigação das representações sociais acerca dos jogos olímpicos, também foram consultados os sites e blogs da Revista Veja.

Por fim, foi realizada a elaboração de quadros descritivos com o intuito de cruzar as informações e estabelecer possíveis análises. Para compreender a construção das Representações Sociais sobre olimpíadas, foi utilizado o instrumento de Análise de Conteúdo.

De acordo com Bardin (1977, p. 38), a análise de conteúdo é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

De acordo com as orientações de Bardin (1977), após a seleção das reportagens organizou-se o processo de exploração do material. Inicialmente foi realizada a leitura do material e pré-análise. Em seguida criaram-se categorias de análise, e por fim, o tratamento dos resultados e as possíveis interpretações.

As categorias selecionadas para análise foram: infraestrutura (pavimentação, habitação, transporte); governança (desvio de verbas, verbas, estatização dos investimentos); segurança (violência, narcotráfico); economia (geração de empregos, oportunidades de negócios); turismo; o legado do PAN; e a popularidade presidencial como ponto chave para a realização da olimpíada.

3 Resultados e Discussão

Inicialmente a proposta de análise foi era pesquisar as matérias disponíveis nas revistas Veja e Isto É, no entanto, diante da coleta do material, percebeu-se que somente a revista Veja apresentava reportagens relacionadas ao processo das olimpíadas desde a candidatura das cidades. Possivelmente o fato de não haver material sobre o tema na revista Isto É, tenha sido devido ao assunto acerca dos jogos olímpicos ainda é algo a ser construído pela sociedade brasileira.

Como resultado levantamento bibliográfico foram encontradas doze matérias a respeito das olimpíadas de 2016, na Revista Veja, bem como, nos sites oficiais desta revista. Nesse passo, buscou-se identificar possíveis direcionamentos na criação de futuras representações sociais sobre as olimpíadas no Rio de Janeiro.

Sendo utilizados para a análise, as matérias do blog da revista Veja “*Perguntas e respostas*” (out. 2007); “*Rio deve seguir na briga para sediar 2016*” (jun. 2008); “*Rio 2016 – a pátria tira um pouco as chuteiras e pega na vara*” (out. 2009); e a matéria “*Rio 2016 – a pátria tira um pouco as chuteiras*

e pega na vara” (out. 2009). Além das edições: 2063, 2117, 2132, 2133 e 2136 também da revista *Veja*.

Conforme as categorias pré-definidas, observamos recorrentes menções ao que definimos como categoria infraestrutura, que incluem informações acerca de temas como habitação, pavimentação e transporte. A matéria exibida no blog da Revista *Veja* em outubro de 2007 relata os problemas que a cidade do Rio de Janeiro apresenta em relação à infraestrutura, pois segundo a matéria o Rio de Janeiro apresenta um déficit quanto ao seu sistema de transporte e suas estradas. Por outro lado, há o cuidado em mencionar que os investimentos em infraestrutura serão herdados pelo turismo.

Há, nessa abordagem, uma nuance contraditória, pois ao mesmo tempo em que são descritos os problemas de infraestrutura, são também exaltadas as possibilidades de, por meio da realização dos jogos olímpicos, melhorá-la. É como se nas entrelinhas houvesse um texto dizendo para o cidadão comum que, vai custar caro pleitear as olimpíadas, no entanto, o país estará ganhando no final, já que os investimentos serão traduzidos em projetos e obras que ficarão para a posteridade dos jogos. É como lançar a ideia de que se pagará muito, mais valerá à pena.

A edição 2063 da Revista *Veja* de 04/06/2008, ao afirmar que problemas de infraestrutura e segurança barraram a cidade de Brasília, deixa no ar a dúvida e os questionamentos acerca da capacidade que a cidade do Rio de Janeiro tem para sediar uma olimpíada. A pergunta implícita talvez seja, será que o Rio de Janeiro tem realmente mais condições que a cidade de Brasília para sediar os jogos?

Talvez a resposta venha se impor aos leitores quando a própria revista traz, em sua edição de número 2132, a afirmativa de que a competição proporciona recursos e apoio político para preparar a cidade, que por sua vez, se utilizará desses recursos para melhorar o transporte público, revitalizar a região e resolver problemas de habitação.

No número seguinte (2133), novamente se faz menção aos problemas estruturais do Rio de Janeiro. Destaca-se o salto que a cidade terá que dar para superar a violência, a favelização desenfreada, a poluição dos lagos, e a necessidade de construção de obras (como estádios com capacidade para receber a comunidade olímpica e a pavimentação), visando proporcionar ruas limpas e ar puro. No entanto, embora inicialmente pareça que se trata de uma matéria que vem revelar as nuances negativas da cidade que sediará os jogos de 2016, na realidade a matéria termina como uma convocação da sociedade, ressaltando que a população deverá se engajar na tarefa de oferecer aos atletas o devido conforto e hospitalidade.

Na edição 2133 (out. 2009), referente a questão da infraestrutura, a matéria “*Um projeto de futuro*”, traz ao leitor a ideia de que se trata de algo para o bem de todos e que a população, não só do Rio de Janeiro, mas de todo o país, tem a ganhar com as obras e investimentos destinados à realização

do evento. Há nessa matéria o cuidado em afirmar que a preocupação com a “arrumação” da cidade já vinha sendo arquitetada, mas ganhou impulso extra, com a realização das olimpíadas de 2016. Trata ainda, da revitalização da região portuária, localizada no centro da cidade, e dos 23,2 bilhões de reais necessários aos investidos em obras de trânsito, aeroportos, urbanismo e meio ambiente.

Ao considerarmos o que Moscovici (2003) discorre sobre a necessidade de ver as representações sociais como maneira específica para se compreender e comunicar o que já se sabe, é possível sugerirmos o questionamento quanto à sugestão implícita nas reportagens mencionadas em relação à importância da realização dos jogos olímpicos. É como se as necessidades de infraestrutura e investimentos em obras públicas, as quais sempre foram discutidas e conhecidas pela maioria da população, agora ganhasse nova cara e nova justificativa. É como se o discurso atualmente estivesse direcionado a legitimar os gastos e investimentos públicos, dessa vez, tidos como necessários. Será que antes eles não eram tão necessários?

Outro ponto que parece ganhar novo aspecto é a questão da governança, envolvendo temas como as verbas necessárias aos investimentos para os jogos, o desvio de verbas e a estatização dos investimentos. Em outubro de 2007, logo após a candidatura oficial da cidade do Rio de Janeiro, o blog da revista *Veja* trazia o seguinte texto, “O Rio conta ainda com o apoio dos três níveis de governo para sua candidatura, o que, segundo o COB, é uma grande vantagem”. Vantagem essa mobilizada para os jogos, mas será que temos um país tão sincronizado em termos de governo? Não seria essa vantagem criada para se atingir o único e exclusivo fim de sediar os jogos? De qualquer forma, como constatado pela revista, na edição 2133, de 7 de outubro de 2009, em “*O salto do rio*”, a parceria entre os três níveis de poder foi um triunfo da candidatura carioca.

Em suma, o que se pode notar é que a candidatura do Rio de Janeiro é algo que interessa as três das importantes esferas do poder público, e mais uma vez notamos o discurso enfatizando que sediar as olimpíadas será importante não apenas para a cidade do Rio de Janeiro, mas também para todo o Estado do Rio de Janeiro, bem como para todo o país.

Na matéria do blog de 2 de outubro de 2009, dia em que foi anunciada a sede olímpica de 2016, estava estampada a seguinte frase: “E também faço votos para que o superfaturamento das obras seja modesto”. Ironicamente, no mesmo dia, na edição 2132 da revista, a seguinte afirmativa foi observada: “se bem executada, a organização dos Jogos Olímpicos traz vários elementos positivos, como recursos para melhorar a região em termos de infraestrutura, turismo e geração de emprego”. É interessante observar que, embora haja a sutil indicação de que no Brasil, sempre há superfaturamento, há também a enfática ideia de que dessa vez, com a realização dos jogos, a população tem algo a ganhar. Talvez o que esteja

embutido nessa ideia é o fato de que no caso das olimpíadas, mais interesses estarão em jogo, e haverá muitos para cobrar e observar o que foi feito, assim acaba sobrando alguma migalha para a população.

Esse aspecto relativo às cobranças pode ser observado quando a edição 2133 traz que “o cronograma foi acionado” e que é preciso se organizar para não perder prazos como já ocorreu com outras cidades escolhidas, é como se houvesse uma ideologia por traz do discurso dizendo, dessa vez precisamos ser pontuais e organizados. É clara nas afirmativas da revista uma ideologia política envolvendo seus discursos.

A mesma edição traz a frase “*O Rio Rumo ao Olimpo*”, seguida das afirmações “A tocha do ideal olímpico já ilumina o Rio de Janeiro com sua mensagem de superação individual com respeito às regras: *‘civis, altius, fortius’*” e “Os jogos Olímpicos não são mais apenas competições entre atletas. São espetáculos dotados de uma capacidade única de alavancar economias e transformar cidades”. Observando as respectivas frases, é possível inferir que o esporte parece ocupar um espaço substancialmente pequeno nesse cenário olímpico, e o que se pretende vender a população, é a ideia de que a olimpíada trará progresso, mesmo em meio a tantos problemas políticos e sociais.

Um último “apelo” em relação à governança é observado no blog no dia 19 de outubro de 2009, “Acho que São Paulo, Rio, Minas e o Brasil querem o que quer toda gente: viver em paz, de acordo com as leis democraticamente pactuadas. Vá ver se o trabalhador do Rio, morador das favelas, vê com bons olhos o mito da cultura do morro. Ele quer o que queremos todos: os filhos estudando em escolas decentes, tentando melhorar de vida”. Mais uma vez nota-se a ideia de que outras cidades e Estados irão ganhar com a realização das olimpíadas, e o apelo político e ideológico que a revista traz, relacionado à sua posição contrária ao governo.

Esses apelos e aparentes contradições encontradas nos textos investigados refletem as representações sociais as quais Moscovici (1978, 2003) demonstrou interesse, ou seja, as que pertencem a sociedade atual, do solo político que as envolve, as que nem sempre tem tempo ou espaço para se sedimentar completamente, mas que demonstram importância, e podem sofrer mudanças para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.

Esta realidade necessária a fertilização das representações sociais, quando se trata do Rio de Janeiro, não pode deixar de fora questões que abordem temas relacionados à segurança, como a violência e o narcotráfico. A edição 2133 se refere à violência no Rio de Janeiro como “moléstia urbana crônica, se não curável, pelo menos tratável, e que o melhor indicador de que uma cidade ficou pronta para sediar uma Olimpíada é ela estar pronta para viver bem e receber com segurança seus visitantes”.

Na matéria do blog do dia 19 de outubro de 2009 foram pontuadas questões sobre a violência. Entre elas, o fato de

que “será preciso chamar à mesa de negociação a parte que ainda não foi chamada: a bandidagem - a dos morros [...]”, que “O Estado brasileiro terá de celebrar um acordo com o Estado do Narcotráfico”, que “As milícias são exemplo de que a segurança pública no rio está doente”, que “o narcotráfico significa falta de políticas públicas”, que “A bandidagem que faz refém 20% da população da cidade do Rio, que mora em favelas, são como os terremotos de Tóquio: um dado de natureza”, que “a pobreza que, tudo indica, esta sendo oficialmente extinta pela propaganda”, que a “violência não se encontra só no Rio, mas em todo o Brasil” e, por fim, o trágico incidente onde um “Helicóptero da polícia é atingido por traficantes e ironicamente cai na chamada Vila Olímpica de Sampaio”.

Conforme os textos que relataram a violência carioca, é importante a observação de que por traz da menção do problema há conformidade em admitir que é preciso aprender a conviver com o narcotráfico, como se um acórdão pudesse amenizar a onda de violência, e assegurar ao menos pelo período dos jogos, a paz local. Há a ideia implícita de que a violência é algo comum, não se tratando de problema exclusivo do Rio de Janeiro e, portanto, deve ser encarado naturalmente, de forma a amenizá-lo e não necessariamente extingui-lo. O mais interessante é que essas informações são tratadas de forma diferente após o resultado das eleições para a sede olímpica de 2016. O que antes era apenas citado, agora requer maiores discussões, porém, apenas em intenção de amenizar.

A última edição analisada, a 2136, de 28 de outubro de 2009, afirma que “A dimensão do problema é abismal. Das 1020 favelas da cidade, 470 estão nas mãos de bandidos. A dificuldade de acesso pelas vielas, a topografia montanhosa e a alta densidade populacional as transformaram em trincheiras. Na cidade, são vendidas 20 toneladas de cocaína por ano, comércio que produz 300 milhões de reais e financia a corrida armamentista das quadrilhas que disputam territórios à bala”. Ainda segundo a revista, “Se restavam dúvidas, elas se dissiparam, na semana passada, nas cenas de policiais flagrados em mais um crime. Em vez de prenderem os homens que acabaram de cometer um assassinato, tomaram deles os pertences roubados da vítima, que não socorreram. Uma suposta participação dos policiais será ainda investigada”. Para o jornalista responsável pela matéria, “A dificuldade maior, daqui para diante, será admitir que, para mudar, é preciso enfrentar velhos problemas, e assumir responsabilidades sobre eles.”

A violência no Rio de Janeiro parece comum a todos, se não por experiência direta, ao menos por conhecimento e formação de opinião. A maneira como cada indivíduo vivencia esse fato, é que se constitui em algo diverso e complexo. Jovchelovitch (2002) afirma que as representações sociais são um espaço potencial de construção comum, no qual os sujeitos vão além de sua individualidade e entram em domínio

amplo, o espaço público, onde esses indivíduos se encontram fundamentalmente relacionados. E ainda, que algumas representações não apenas surgem das mediações sociais, como também se tornam a própria mediação social, podemos compreender como a violência é tratada de forma tão ampla e diversificada e mais, como aqueles que estão distantes da realidade carioca se sentem tão aptos a falar sobre o assunto. Mais uma vez é possível observar que não se tratam de novos assuntos, mas do mesmo assunto, visto e discutido sob ótica diferente, o que pode caracterizar a afirmação do processo de representação social acerca do tema violência.

Parece de senso comum admitir que para promover a paz por curto período de tempo, já que a contenção prolongada da violência não constitui como possibilidade. Faz-se imprescindível que as autoridades acertem seus ponteiros com o crime organizado, mas não no sentido de resolver problemas, mas no intuito de promover uma trégua temporária. Parece comum a ideia de que nesse caso o conceito autoridade tem sentido ambíguo, já que quem manda de fato é o narcotráfico, que talvez se envolva na campanha por um Rio de Janeiro menos violento.

A categoria que definimos como economia, que engloba a geração de empregos e oportunidade de negócios, inclui informações encontradas no blog da revista em 17 de junho de 2009. Sobre esse aspecto foi feita a afirmação de que “a força econômica das candidaturas não deverá ser o critério principal para a seleção” e “Fundamentalmente, não é a economia, mas o fato de deixar legado sustentável. Quando saímos, queremos que seja um bônus para a cidade, região ou país”.

A partir das informações apresentadas acima, é possível a inferência de que não importa o que o país tem a oferecer hoje, ou ainda, quantos sacrifícios e recursos a empreitada olímpica irá requerer, mas o quanto podemos ter no futuro, ou seja, o importante não é a realidade econômica, mas a herança que o país receberá por sediar os jogos olímpicos de 2016.

A edição 2132, de 02 de outubro de 2009, traz uma mensagem alertando ao fato de que “Existe o alerta para o risco de o espólio das Olimpíadas ser resumido a dívidas gigantescas e publicidade negativa para o país selecionado como endereço da competição”. Assim, se não forem bem direcionados, os recursos podem ser desperdiçados em obras que não deixarão algo concreto para a população, além de dívidas e imagem negativa. É importante notar que a necessidade e euforia em mostrar o país para o mundo também nos coloca em situação de risco, pois é preciso atentar à possibilidade de que a imagem que se consiga transmitir ao mundo pode ser boa ou ruim, e isso dependerá da seriedade do trabalho desenvolvido internamente.

A edição 2133 traz duas reportagens que tratam do assunto, a intitulada como “*O salto do Rio*”, que aborda que os marqueteiros decidiram que o crescimento da economia brasileira deveria ser explorado durante a campanha. Enquanto a matéria sob o título “*O Rio Rumo ao Olimpo*” afirma que “a escolha do Rio foi o reconhecimento de uma candidatura

madura e realista – corolário da força de uma economia estável e de uma nação politicamente pacificada”.

As informações retiradas da edição 2133 parecem se complementar, pois enquanto uma matéria fala sobre a atenção que os marqueteiros solicitam à referência de que o crescimento da economia brasileira deveria ser explorado, a outra não faz outra coisa senão ressaltar o caráter que se quer fazer como decisivo para a eleição do Rio de Janeiro como sede olímpica, a economia estável de uma nação politicamente passiva.

No sentido do que se traz no parágrafo anterior, é possível notar que o assunto relacionado às olimpíadas está muito mais ligado à questão política e econômica que se pretende enfatizar do que a qualquer questão envolvendo o esporte propriamente dito. É como se o fato de conquistar o direito à realização das olimpíadas refletisse uma evolução econômica e política.

Uma importante constatação pode ser observada, muito se discutiu sobre os investimentos, as políticas de segurança e as melhorias estruturais, mas pouco foi escrito sobre os ganhos com os serviços de turismo que poderão ser ofertados aos que vierem visitar o país das olimpíadas de 2016. O blog, no dia 17 de junho de 2009, observa que é importante que se deixe um legado sustentável. A edição 2133 traz que “Todas as exigências feitas pela organização têm o objetivo de deixar um legado de desenvolvimento à cidade” e que “O projeto é dar à região tudo o que uma cidade moderna deve oferecer num mesmo espaço: comércio, residências, turismo e atividades culturais.”

Aparentemente o que se apresenta parece ser prescritivo, como se apenas apontamentos do que precisa ser feito fossem suficientes. Pressupor que o desenvolvimento do comércio, dos bairros, e do turismo parecem automáticos à eleição do Rio como sede olímpica, faz parecer que as coisas são mais simples do que realmente são e transfere ao cidadão comum o compromisso com a realização dos jogos, fazendo o acreditar que no final ele sairá ganhando com a realização do evento.

Essa tentativa de incutir no cidadão a ideia de que o país tem muito a ganhar, tendo uma cidade sedidora dos jogos olímpicos, fica evidente quando se fala no legado deixado pelo PAN. O blog da revista, em outubro de 2007 traz que “Estima-se que o relativo sucesso da cidade ao sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007 possa ser fator positivo para o Rio”. Já em julho de 2008, encontra-se no blog a informação de que os Jogos Pan-Americanos de 2007 representam um fortalecimento da candidatura do Rio de Janeiro. O mesmo blog, no dia 17 de junho de 2009, afirma que o legado do pan-americano é considerado um trunfo para a organização da Olimpíada.

A edição 2132 da revista, de 02 de outubro de 2009, ressalta alguns pontos negativos da realização do PAN, como o cronograma atrasado e as obras superfaturadas, divergência entre a esfera federal, estadual e municipal e a ausência de transparência. Informação essa que parece contradizer a mesma revista em sua edição 2063, de 04 de junho de 2008,

em que está exibida a informação de que “um dos trunfos apresentados foi a experiência dos Jogos Pan-americanos em julho do ano passado, na capital fluminense”.

Essa contradição se faz elemento da representação social, já que, conforme Spink (2003), tanto diversidade quanto contradição pode remeter ao estudo das representações sociais como processo. Para a autora trata-se de um processo que vai além do processamento da informação como práxis, e toma como ponto de partida a funcionalidade das representações sociais na orientação da ação e da comunicação.

Para Abric (2000), característica básica das representações sociais é o fato de que elas são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis, ao mesmo tempo que são consensuais e marcadas por diferenças individuais. Essa diferença e contradição encontrada em matérias da mesma revista, pode se justificar então, por se tratar de uma revista que tem em seus autores, a individualidade, o que implicará em diferentes nuances no mesmo tema, dependendo da percepção de cada indivíduo.

A última categoria de análise foi a questão da popularidade presidencial como ponto chave para a realização da olimpíada. No blog, (out. 2009), havia a informação de que “Lula fará da escolha uma vitória pessoal – e, na sublinha do PT”. Havia ainda a afirmação de que “[...] a máquina petista é isto mesmo: as derrotas do Brasil decorrem do preconceito dos outros e as vitórias, das qualidades de Lula. Boa parte da imprensa colabora com a mistificação e com a mitificação”.

A edição 2132 faz referência a uma campanha vitaminada pela participação de políticos e personalidades, como o presidente Lula e Pelé, e que a cidade conquistou sua vaga e desbancou Chicago, Tóquio e Madri. A edição 2133 traz ainda que “O vale-tudo pelos votos transformou Copenhague num desfile de celebridades. Pelé jogou bola com crianças. Paulo Coelho ofereceu almoço para uma platéia feminina. Lula parafraseou o “Sim, nós podemos” de Barack Obama e partiu para cima do que parecia ser o maior oponente”.

Em 19 de outubro de 2009, o blog da revista faz críticas ao PT, afirmando que “O Brasil experimenta agora a boçalidade do patriotismo de esquerda” e “Aí o petralha cretino manda ver: ‘Rá, rá, rá, Lula tem 80% de popularidade e trouxe a Olimpíada”. É possível inferir com as informações sobre a popularidade do presidente Lula, que a candidatura da cidade do Rio de Janeiro, se constituiu como algo eminentemente político e que a postura carismática do presidente teve forte fator de impacto nas considerações sobre a possibilidade do Brasil ser a sede dos Jogos olímpicos em 2016. A campanha do Rio de Janeiro teve o caráter de campanha política e, como campanha política está repleta de grandes promessas. A imagem que se pretende passar, no entanto, é a da nação que conseguiu realizar um sonho, mas que isso só foi possível através do envolvimento das celebridades em todo o processo.

4 Conclusão

Diante das informações coletadas e da análise realizada, observou-se que a candidatura do Rio de Janeiro como sede olímpica, é algo que partiu do desejo político e que a população ainda tem que digerir e processar tudo o que se refere ao evento. A candidatura do Rio de Janeiro não seguiu um modelo adequado para sediar os jogos olímpicos. No entanto, muito se comemora, e ao mesmo tempo se tenta incutir a ideia de que todos deveriam comemorar e valorizar os possíveis ganhos com a realização do evento.

Tanto se menciona em relação aos fatos políticos e de desenvolvimento econômico e tão pouco é atentado aos verdadeiros anseios da população, que não parece seguro afirmar que a população brasileira apoiou a candidatura do Rio de Janeiro. E se a população de Chicago se demonstrou contra a realização dos jogos, talvez não se trate apenas de situações políticas envolvidas, mas também reflita o fato de que se trata de uma população com mais consciência do que representa a realização de um evento como os jogos olímpicos. Nesse sentido, é possível considerar que a população brasileira tenha se mostrado apenas indiferente.

Um ponto que recebeu muita atenção por parte dos autores da revista investigada é a tentativa de transmitir a população brasileira, de modo geral, que os benefícios alcançados com as olimpíadas serão estendidos a todos, ultrapassando os limites do Estado carioca. Como se houvesse a necessidade de convencer que embora seja preciso se responsabilizar, junto com o Estado do Rio, pela realização e angariamento dos recursos necessários, também haverá, em troca, benefícios a todo o país.

Contudo, talvez o mais importante não é o que se pretende causar na população, ou ainda, o que se espera que a população pense a respeito das olimpíadas, mas sim o fato de que há nesse momento um movimento em direção a tornar familiar algo que não é familiar à realidade brasileira. Em meio a tantas especulações, não se sabe ainda qual a utilidade que a realização do evento olímpico de 2016 para a população brasileira. No entanto, o que fica registrado é o movimento em direção a criação de uma representação social sobre a realização dos jogos olímpicos.

Se a população irá ganhar, se o país terá prejuízos, se o caráter da campanha e da realização envolvendo os jogos tem caráter político, vai mudar, ou se o Brasil está experimentando ou reclamando progresso por meio da realização das olimpíadas, é algo que ainda não se pode definir, mas o futuro apresentará a representação social desse evento para a população brasileira. Nesse sentido esse estudo pode ser apenas uma investigação que está apenas no início.

Referências

- ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000, p.27-38.
- ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p.111-125, jul./dez. 2001.
- AMBRÓSIO, V. O marketing como ponto de partida para elaboração de projetos de cidades candidatas aos Jogos Olímpicos. In: TURINI, M.; DACOSTA, L. (Ed). *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CORREA, A.M.H. et al. Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. *Rev. Adm. Contemp.* v.11, n.2, p. 191-211, 2007.
- ESPBR. *Esporte Brasil*. 2009. Disponível em: <<http://www.espbr.com/noticias/moradores-chicago-sao-olimpiadas-2016-cidade>>. Acesso em: 16 out. 2009.
- GOMES, A.M.T.; OLIVEIRA, D.C.; MARQUES, S.C. A representação social do trabalho do enfermeiro na programação em saúde. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v.6, p.79-90, 2004.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Org) *Textos em representações sociais*. Petropolis: Vozes, 2002.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC, 1989.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- O GLOBO. *Rio de Janeiro*. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/04/06/chicago-recebe-visita-do-coi-manifestacao-contras-as-olimpiadas-755151013.asp>>. Acesso em: 2 out. 2009.
- PIRES, G. Olimpismo & ideologia - o desporto ao serviço da humanidade. In.: TURINI, M.; DACOSTA, L. (Ed.). *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.
- SÁ, C.P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, J.M. (Org.). *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.19-45.
- SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Org.). *Textos em representações sociais*. 8 ed. Petropolis: Vozes, 2003. p.117-145.

